

Uma Nova Roupa para a Música: Rearranjo Musical com Crianças, Flauta Doce e Instrumentos Virtuais na Educação Básica

Comunicação

GTE 10 - Educação Musical, Tecnologias e Cultura Participativa Digital

Camila Reis Santos
Escola De Música - UFMG
santosreiscamila@gmail.com

Emília Chamone
Faculdade de Educação - UFMG
echamone.ufmg@gmail.com

Resumo: Este relato de experiência apresenta uma proposta de criação coletiva de um rearranjo musical com uma turma do 2º ano do Ensino Fundamental, realizada durante o período de estágio obrigatório supervisionado. A atividade envolveu a performance ao vivo com flauta doce soprano e a utilização de instrumentos virtuais no *software* Ableton Live manipulados por meio de um controlador MIDI. A experiência se fundamenta na ideia de rearranjo musical abordada por Penna (2015), nas discussões de tecnologia e música de Iazzetta (2009) e Fritsch et al. (2003) e, por fim, nas competências e habilidades da Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018). O texto apresenta reflexões sobre criação musical na infância, mediação pedagógica e inclusão sob a perspectiva freireana (Freire, 1996).

Palavras-chave: Flauta Doce; Controlador MIDI; Rearranjo Musical.

Introdução

A criação musical na infância pode ser uma poderosa forma de expressão, descoberta e construção coletiva de sentido. Segundo Beineke e Zanetta (2014, p. 198), compor música envolve experimentar, tomar decisões e explorar contrastes, o que estimula a curiosidade e a criatividade dos estudantes. Muito além do ensino técnico de notas ou ritmos, ela abre espaço para que as crianças compartilhem sonoridades que fazem sentido dentro de seus mundos. Nesse contexto, o rearranjo musical aparece como uma estratégia pedagógica potente, pois permite revisitar músicas conhecidas sob novas perspectivas expressivas, promovendo escolhas estéticas, escuta ativa e colaboração.

Inspirada nessa abordagem e buscando integrar instrumentos tradicionais e recursos tecnológicos, esta proposta de trabalho surgiu durante o período de estágio obrigatório supervisionado em uma escola de Educação Básica. A atividade consistiu na criação coletiva de um rearranjo musical com uma turma do 2º ano do Ensino Fundamental, utilizando a flauta doce, já presente no cotidiano da turma, em diálogo com instrumentos virtuais manipulados via controlador MIDI¹ no *software* Ableton Live.

A escola em que a experiência foi realizada pertence à rede particular da cidade de Belo Horizonte, atende crianças da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental, e possui turmas reduzidas, com cerca de 10 estudantes por sala. As aulas de Artes são voltadas exclusivamente para conteúdos musicais e utilizam a flauta doce soprano desde o 1º ano, o que permitiu propor uma atividade que unisse os conhecimentos já construídos com novas possibilidades criativas mediadas pela tecnologia.

Com base nos estudos sobre rearranjo musical como prática pedagógica (Penna, 2015), nos debates sobre criação e tecnologia na educação musical (Iazzetta, 2009; Fritsch et al., 2003) e nos princípios da Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018), este artigo busca relatar essa experiência, refletindo sobre suas possibilidades e desafios. A proposta não teve como objetivo principal o ensino de conteúdos formais da música, mas sim a vivência de um processo de escuta, autoria e colaboração, aspectos essenciais da formação musical e da educação democrática defendida por Paulo Freire (1996).

Pedagogia, Tecnologia e Currículo no Rearranjo Criativo

A experiência aqui descrita estabelece um diálogo teórico entre perspectivas complementares que convergem para a prática pedagógica. Por um lado, Penna (2015) concebe o rearranjo musical como ato pedagógico de recriação coletiva, onde crianças ressignificam obras preexistentes através de escolhas expressivas negociadas. Esta abordagem possui duplo objetivo pedagógico: proporcionar aos estudantes oportunidades para "expressar-se através de elementos sonoros" (Penna, 2015, p. 174) e promover uma

¹ "O acrônimo MIDI - Musical Instruments Digital Interface - refere-se ao padrão físico de comunicação entre sistemas musicais digitais (portas, cabos e protocolos de comunicação), incluindo uma linguagem que permite troca de dados entre eles. É importante lembrar que MIDI não transmite som, mas, sim, as informações correspondentes às ações do músico sobre o instrumento musical." (FRITSCH et al., 2003, p. 146)

"reapropriação ativa e significativa da vivência cultural" (Penna, 2015, p. 174). Além disso, ela propõe um "roteiro de ação" para esse processo, sendo, primeiramente, a escolha da música que os estudantes já conhecem; em seguida, uma "tempestade de ideias" sendo um "levantamento livre das significações e associações da música" (Penna, 2015, p. 192) e, por fim, estruturação conjunta da "nova expressão sonora" (Penna, 2015, p. 193).

Nesse contexto, a tecnologia emerge como ambiente facilitador para exploração sonora. Conforme Iazzetta (2009), os recursos tecnológicos possibilitam uma aproximação com o material sonoro e a experimentação dele, desmistificando o ato de criação. Esta visão encontra eco em Fritsch et al. (2003), que especificamente aborda *softwares* sequenciadores MIDI como ferramentas que permitem "gravação, execução e edição musical através de informações de execução de notas" (p. 147), característica que viabiliza a ressignificação tímbrica de uma mesma estrutura musical.

Foi nesse cruzamento teórico que a escolha pelo Ableton Live se fundamentou. Este *software* não apenas opera com funcionalidades MIDI conforme descrito por Fritsch et al. (2003), mas também materializa os princípios de experimentação direta defendidos por Iazzetta (2009), ao mesmo tempo em que viabiliza o processo colaborativo essencial ao rearranjo, segundo Penna (2015). Ele permite a gravação de camadas individuais, suportando assim a construção coletiva que caracteriza nossa proposta pedagógica.

Por fim, conforme a BNCC (Brasil, 2018), o ensino de Arte no Ensino Fundamental deve "mobilizar recursos tecnológicos como formas de registro, pesquisa e criação artística" (p. 210). Esta competência legitimou pedagogicamente nosso uso do Ableton Live e do controlador MIDI em três dimensões: registro, na gravação de camadas sonoras por meio do controlador MIDI; pesquisa, na exploração de timbres digitais para construção de atmosferas; e, criação, no rearranjo coletivo de "3 dedinhos" como ato artístico.

Relato da Experiência Pedagógica

A proposta foi realizada em uma única aula de 50 minutos com a turma do 2º ano, composta por 10 alunos. A intenção inicial era desenvolver uma sequência de quatro aulas, mas por questões do calendário escolar, a atividade foi condensada em um único encontro. O objetivo era criar coletivamente um rearranjo musical para uma canção que os alunos já

dominavam com a flauta doce, utilizando o *software* Ableton Live e dispositivos como um controlador MIDI.

Iniciei a aula perguntando se sabiam o que era arranjo musical. Como não conheciam, expliquei o termo técnico, mas também utilizei a metáfora da "roupa da música", o que facilitou a compreensão e gerou interesse. Como ponto inicial da criação, eu propus que escutássemos a canção "Bambalalão" na versão do Duo Rodapião para podermos analisar os timbres, andamento, entrada e saída dos instrumentos e o sentimento ou clima que ela remetia. Então, após a análise coletiva em que cada criança levantava a mão e falava algo que notou, propus que criássemos um arranjo diferente para a canção. Entretanto, o professor supervisor interveio sugerindo que utilizássemos "3 dedinhos", por ser mais familiar ao grupo. Assim, acatei a ideia dele e propus que todos tocassem a canção na flauta para lembrarmos dela. A partir disso, discutimos qual seria o clima ou sentimento do nosso arranjo e sugeri alguns, como alegre, misterioso, triste, terror etc. A turma votou e decidiu que seria de terror.

Logo após, fomos planejar a criação, conseqüentemente, perguntei sobre como a música poderia começar, com a flauta ou com outro som, porém neste momento houve bastante dispersão e confusão, talvez pela dificuldade de imaginar a estrutura musical. Decidimos, portanto, focar na escolha dos timbres. Perguntei quais instrumentos gostariam de ouvir e, a partir das respostas, votamos coletivamente nos timbres de instrumentos preferidos. Nesse momento, procurei pré-selecionar 3 opções de cada instrumento devido ao tempo curto. Dessa forma, selecionamos cinco instrumentos: bateria², *synth pad*, piano, violino e baixo.

Antes do início da gravação, decidimos um BPM (batidas por minuto) que ficaria confortável para todos tocarem na flauta. Com os timbres dos instrumentos e o BPM selecionados, iniciamos as gravações. Para elas, decidimos que a cada troca de instrumento, um aluno iria tocar a melodia da canção na flauta como referência para o outro estudante que estivesse gravando o instrumento virtual, enquanto os demais assistiam. A cada gravação, a criança que estivesse no controlador MIDI podia explorar os sons e decidir o que

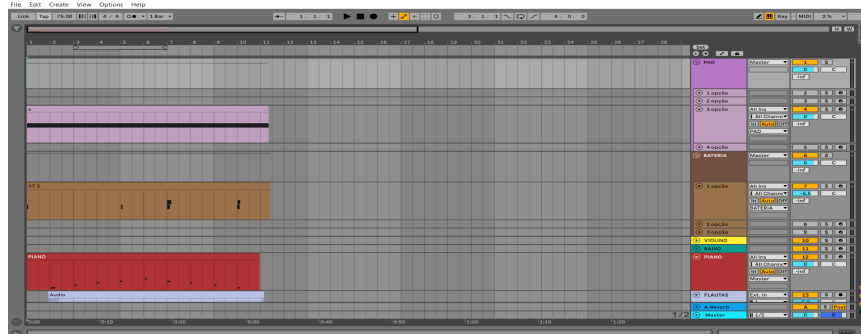
² O software Ableton Live disponibiliza uma biblioteca de sons composta por diversos packs de samples prontos. Dessa forma, os estudantes escolheram um template de pack de samples com sons de bateria eletrônica.

queria gravar. Em alguns casos, precisei mediar mais diretamente, especialmente com alunos que se sentiam inseguros. A estudante que aqui chamarei de “Ana”, por exemplo, já estava decidida que queria tocar a nota inicial de cada frase musical no piano, enquanto o “João” chegou incerto sobre o que fazer e eu sugeri que tocasse uma nota longa no *pad* para criar uma ambiência sombria.

No fim, não tivemos tempo de gravar o violino e nem o baixo. Dessa forma, resolvemos finalizar o arranjo para que pudéssemos experimentar todos tocarem a flauta junto com a base instrumental criada. Assim, a estrutura do rearranjo (Figura 1) ficou composta de um *synth pad*, bateria e piano.

Um dos desafios enfrentados durante o processo foi a participação de um estudante com TEA, que demonstrou grande interesse pelo MIDI e queria manipulá-lo o tempo todo. Em determinado momento, o professor supervisor solicitou o apoio da profissional da inclusão. O aluno acabou saindo da sala, o que me gerou reflexões sobre a necessidade de preparar funções mais estruturadas e previsíveis para alunos com esse perfil.

Figura 1: Estrutura do Rearranjo Musical criado pelos estudantes no *software* Ableton Live.



Fonte: Produzida pela autora.

Reflexões sobre um Fazer Musical Democrático

Apesar dos desafios, a aula revelou o potencial das crianças para participar de processos criativos reais. As escolhas foram feitas de forma coletiva, com escuta, argumentação e o uso da tecnologia despertou curiosidade e engajamento na turma. Segundo Penna (2015), “recriar a música do cotidiano equivale, portanto, a repensá-la e a dar-lhe novas significações” (p. 178). Dessa forma, percebemos que a experiência foi de encontro a citação da autora, uma vez que a canção que as crianças estavam acostumadas a

tocar toda semana ganhou uma nova sensação, agora ela carrega um ar de suspense, como se fosse trilha sonora de um filme de terror que era a meta almejada por elas.

Nesse contexto, a opção pelo uso do Ableton Live e do controlador MIDI não foi um mero recurso tecnológico, mas uma escolha pedagógica fundamental. Como discute Iazzetta (2009), a tecnologia pode ser uma ferramenta poderosa para a materialização imediata das ideias sonoras, superando barreiras técnicas instrumentais tradicionais. A gravação em camadas permitida pelo software sequenciador e a exploração tátil do MIDI transformaram conceitos abstratos em experiências sensoriais palpáveis. Assim, a tecnologia facilitou a expressão autoral singular dentro do coletivo.

Além disso, a aula se configurou como uma prática dialógica alinhada aos princípios de Paulo Freire (1996). Desde o início, a mediação pedagógica foi estruturada não sobre a transmissão vertical de conhecimento, mas sobre o diálogo horizontal e a tomada de decisão coletiva. A pergunta inicial sobre rearranjo musical já estabeleceu um contrato de curiosidade compartilhada. Ao traduzir o conceito técnico pela metáfora da "roupa da música", nós buscamos facilitar a compreensão, mas também trazer o universo simbólico infantil, convidando as crianças a vestirem sua música com roupas sonoras escolhidas por elas.

Em diálogo, a co-construção do conhecimento permeou todo o processo. A análise coletiva da versão do Duo Rodapião de "Bambalalão" foi uma escuta ativa e um exercício de "leitura de mundo" (Freire, 1996, p. 46) musical, onde cada criança levantou a mão para compartilhar sua percepção sobre timbres, andamento e clima. O momento crucial, porém, foi a institucionalização do diálogo como método decisório.

Como destacado, decisões fundamentais para o arranjo foram submetidas à votação da turma. Assim, na escolha do "clima" ou "sentimento" do arranjo, apresentamos ideias, mas foi a turma quem votou e escolheu "terror". Essa não foi uma escolha estética trivial; foi um ato de autoria coletiva e exercício de liberdade criativa dentro do processo. Do mesmo modo, a seleção dos timbres dos instrumentos votados, mesmo com a nossa mediação de pré-seleção de opções (devido ao tempo), o núcleo da decisão residiu no grupo.

Por fim, a definição do BPM, sendo a busca por um andamento "confortável para todos tocarem na flauta", foi mais uma decisão negociada coletivamente, considerando a experiência da turma. Essa prática constante de tomada de decisão democrática buscou trazer o protagonismo infantil, ou seja, todos eram sujeitos ativos na definição dos rumos estéticos e práticos da criação. O sistema de gravação, onde um aluno tocava flauta como guia e outro explorava o MIDI, alternando a participação, reforçou essa lógica de coresponsabilidade e compartilhamento de tarefas. Os momentos de autoria individual (por exemplo, a ideia de melodia da "Ana") emergiram dentro desse espaço coletivo e dialógico, sendo valorizados e incorporados, ilustrando a síntese entre expressão singular e construção comunitária que a BNCC (Brasil, 2018) valoriza na Competência Geral 9 (p. 10).

Contudo, a experiência também revela os limites e desafios do diálogo em contextos complexos. A dispersão durante a discussão sobre "como começar" o arranjo expõe a dificuldade de manter um processo deliberativo complexo com crianças em tempo curto. A saída encontrada (focar nos timbres) foi eficaz, mas também sinaliza que a profundidade do diálogo criativo é diretamente impactada pelas restrições temporais (Penna, 2015). O caso do aluno com TEA apresenta um maior desafio: como garantir que o diálogo coletivo e as estruturas participativas (como votação) sejam acessíveis e significativas para todos? Seu interesse pelo MIDI indicava um potencial canal de expressão e participação, mas a falta de estruturação prévia e funções claramente delimitadas, adaptadas ao seu perfil, impediu que ele se engajasse plenamente no processo dialógico e decisório da turma. Sua saída da sala é um lembrete de que a inclusão efetiva (Brasil, 2018) exige ir além da abertura ao diálogo; exige a construção intencional de múltiplas vias de participação e expressão para que todos possam ser ouvidos e contribuir dentro do coletivo.

Considerações Finais

Fazer um rearranjo coletivo de uma canção com flauta e instrumentos virtuais, dentro de uma aula de 50 minutos, é um desafio real. Mas a experiência mostrou que é possível promover vivências significativas mesmo em tempo curto, desde que se crie espaço para a escuta, a participação e a mediação sensível. A proposta não foi sobre ensinar rearranjo musical, mas sobre vivenciar um processo coletivo de compartilhamento de vozes.

É importante salientar que essa proposta seria melhor desenvolvida se tivesse sido realizada em mais aulas. Assim, cada criança poderia ter um tempo maior para explorar sonoridades e refletir sobre suas preferências. Além disso, em práticas futuras é indispensável definir funções para cada estudante. Dessa forma, irá promover uma maior inclusão de todos os estudantes, prevenir que eles se dispersem e, também, possibilitar que se sintam participantes ativos de todo o processo a todo momento, não apenas quando estão performando ao vivo com a flauta ou gravando por meio do MIDI.

Por fim, essa experiência no estágio revelou desafios e potencialidades da atuação docente na promoção da inclusão, da escuta coletiva e da mediação cultural, elementos fundamentais na formação de educadores comprometidos com uma escola democrática (Freire, 1996).

Referências

BEINEKE, V.; COSTA ZANETTA, C. “Ou Isto ou Aquilo”: a Composição na Educação Musical para Crianças. *Música Hodie*, Goiânia, v. 14, n. 1, 2014. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/musica/article/view/32978>>. Acesso em: 6 jun. 2025.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2025.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRITSCH, Eloi Fernando et al. Software musical e sugestões de aplicação em aulas de música. In: HENTSCHKE, Liane; DEL BEN, Luciana. *Ensino de música: propostas para pensar e agir em sala de aula*. São Paulo: Moderna, 2003, p. 141-157.

IAZZETTA, Fernando. *Música e mediação tecnológica*. São Paulo: Perspectiva. Fapesp, 2009.

PENNA, Maura. *Música(s) e seu ensino*. 2. ed. rev. ampl. 3. reimpr. Porto Alegre: Sulina, 2015.